

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS INHUMAS
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

JÉSSICA CAROLINE BESSA SILVA

O REFLEXO DA PANDEMIA NA SAÚDE, NA INTENSIFICAÇÃO E NA
PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO DO ENSINO
REMOTO

ORIENTADOR: DR. JUSCELINO MARTINS POLONIAL

INHUMAS

2023

O REFLEXO DA PANDEMIA NA SAÚDE, NA INTENSIFICAÇÃO E NA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

Jéssica Caroline Bessa Silva¹

Juscelino Martins Polonial²

Resumo

No final do século XX, e início do século XXI, houve a intensificação da exploração do trabalho docente. A sociedade pós-moderna tornou-se uma sociedade de desempenho e produção, em que o professor poderia trabalhar de qualquer lugar, a qualquer momento. A pandemia de covid-19 trouxe insegurança aos trabalhadores e a precarização das relações de trabalho. Já não havia mais separabilidade entre local de trabalho e local de descanso e lazer. A pandemia impôs o uso de tecnologias, ou seja, os docentes aprenderam em um curto período a dominar ferramentas de ensino, que para alguns era completamente nova. Este estudo, propôs-se a entender como a pandemia refletiu na subjetividade dos docentes. A pesquisa, de abordagem qualitativa analisou quatro pesquisas (a) Condições de trabalho no IFSP em tempos de covid-19; (b) Pesquisa Adusp sobre as condições de trabalho durante a pandemia; (c) Relatório do GT Adunicamp sobre as condições de trabalho remoto docente no contexto da pandemia de covid-19; e (d) Pesquisa SINTE sobre a saúde do profissional da educação em tempo de pandemia e trabalho remoto. O estudo indicou que a pandemia alterou a noção de tempo, havendo a inseparabilidade entre local de trabalho e local de descanso e intensificou o ritmo de trabalho. A pesquisa também mostrou que as mulheres adoeceram mais que os homens, pois sentiram-se mais sobrecarregadas devido ao trabalho doméstico e cuidados com a família.

Palavras-chave: Trabalho docente. Pandemia. Adoecimento docente. Sociedade do cansaço.

Abstract

At the end of the 20th century and the beginning of the 21st century, there was an intensification of the exploitation of teaching work. Postmodern society has become a performance and production society, in which the teacher can work from anywhere, at any time. The covid-19 pandemic brought insecurity to workers and the precariousness of work relationships. There was no longer any separation between the place of work and the place of rest and leisure. The pandemic imposed the use of technologies, that is, teachers learned in a short period to master teaching tools, which for some was completely new. This study set out to understand how the pandemic reflected on the subjectivity of teachers. The research, with a qualitative

¹ Discente do curso de Especialização em Docência na Educação Básica pelo IFG. Licenciada em Matemática pela UFG.

² Professor de Sociologia do IFG. Doutor em Sociologia pela UFG.

approach, analyzed four surveys (a) Working conditions at the IFSP in times of covid-19; (b) Adusp survey on working conditions during the pandemic; (c) GT Adunicamp report on teaching remote work conditions in the context of the covid-19 pandemic; and (d) SINTE Survey on the health of education professionals in times of a pandemic and remote work. The study indicated that the pandemic changed the notion of time, with the inseparability between the workplace and the place of rest, and intensified the pace of work. The survey also showed that women got sick more than men, as they felt more burdened due to housework and family care.

Keywords: Teaching work. Pandemic. Teaching illness. Fatigue Society.

1 Considerações iniciais

Uma nação é dita desenvolvida se possui um alto nível de divisão do trabalho. Para Marx e Engels (2011) a divisão do trabalho é a separação do trabalho material e intelectual, processo que gera alienação dos trabalhadores. Nessa perspectiva, essa sociedade desenvolvida possui dois extremos: trabalhadores braçais com baixo índice de escolaridade ou trabalhadores com alto nível de formação acadêmica, com ambos passando a viver na condição de trabalho alienado, rompendo a relação teoria e prática. Esse processo está mais acabado na sociedade capitalista.

O trabalho é, para Marx e Engels (2011), uma forma de o trabalhador “manifestar a vida” (p. 30). O trabalhador usa sua força de trabalho para poder existir. Ele troca seu trabalho por um salário que garante os meios de manter sua existência. O assalariado vende horas de seu dia pelo salário e nesse contexto ele se separa do produto produzido.

A divisão do trabalho é baseada na necessidade da sociedade e dos indivíduos, ou seja, dos interesses coletivos e individuais. Um trabalho só existe em uma sociedade, se essa sociedade tem necessidade de tal trabalho. A sociedade é um organismo que trabalha coletivamente em que um trabalhador depende de outro para manter sua existência na sociedade.

Após a Revolução Industrial no século XVIII, o mercado explorou com maior agressividade os trabalhadores. Nesse período, a ausência de leis trabalhistas contribuiu para intensificar e precarizar as relações de trabalho, com níveis de exploração sem precedentes, como as relatadas no livro, a situação da classe trabalhadora na Inglaterra, de Engels, gerando forte reação dos setores excluídos, e quando um destes homens excedentes tem coragem e paixão suficientes para

entrar em conflito aberto com a sociedade, rouba, pilha e assassina como resposta à guerra camuflada que a burguesia lhe move (1986, p. 105).

Como frutos dessas lutas, no final do século XIX, vieram as primeiras conquistas trabalhistas, mas foi no século XX, com o modelo fordista, que os trabalhadores tiveram a consolidação do Estado do Bem-Estar Social, dando mais estabilidade aos setores populares.

No entanto, após a década de 1960, com o *toyotismo*, a exploração do trabalhador ganha novos contornos negativamente e que “supõe uma intensificação da exploração do trabalho” (GOUNET apud ANTUNES, 2006).

Durante o século XX, pôde-se observar uma mudança no padrão de sociedade vigente. A sociedade capitalista substituiu o modelo fordista de produção pelo de acumulação flexível, também conhecido como a fase *toyotismo*. Ambos os modelos de produção interferiram na economia e nas relações sociais e na forma geral de organização cultural de uma determinada sociedade.

Ford colocou em prática um sistema de produção em massa, em que havia,

um novo sistema de reprodução de força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista (HARVEY, 1992, p.121).

O modelo de produção fordista defendia, em seu início, uma alta produtividade através de longas jornadas de trabalho bem remuneradas. De fato, Ford conseguiu num primeiro momento potencializar seus ganhos. Entretanto, enfrentou dois problemas iniciais. O primeiro diz respeito a condição do trabalhador de não estar familiarizado com longas jornadas de trabalho e o segundo, ao não intervencionismo do Estado no poder corporativo (HARVEY, 1992).

A adaptação do trabalhador ao modelo de produção fordista foram difíceis e enfrentaram grande resistência dos trabalhadores. Segundo Harvey,

O estado das relações de classe no mundo capitalista dificilmente era propício à fácil aceitação de um sistema de produção que se apoiava tanto na familiarização do trabalhador com longas horas de trabalho puramente rotinizado, exigindo pouco das habilidades manuais tradicionais e concedendo um controle quase inexistente ao

trabalhador sobre o projeto, o ritmo e a organização do processo produtivo (1992, p. 123).

A priori, Ford tentou estruturar seu modelo de produção disciplinando seus funcionários com relação aos ganhos e gastos. Ele também acreditava que o Estado não deveria intervir na esfera corporativa, o que mais tarde mostrou-se um erro, pois a intervenção estatal tornou-se um mecanismo de ajuda ao progresso desse modelo (HARVEY, 1992).

O fordismo mostrou-se um aliado ao modelo capitalista. Em meio à crise da década de 30 e entremeio as guerras, os governos democráticos apoiaram-se na produção fordista. A produção em massa, com trabalhadores automatizados que despendiam longas horas de seu dia em uma linha de montagem, tornou-se uma “solução política” (HARVEY, 1992, p. 124) e atrativa para a crise enfrentada por esses governos.

O sistema de produção fordista determinou um novo padrão de vida, em que “produção em massa significava padronização do consumo e produção em massa, o que implicava toda uma nova estética e mercadificação da cultura” (HARVEY, 1992, p. 131). A economia capitalista com uma alta divisão do trabalho mostrou que a modificação das relações de trabalho interfere na subjetividade do indivíduo, ou seja, modifica o modo como o indivíduo se enxerga no próprio espaço que ocupa no mundo (ANTUNES, 2006; POLONIAL, 2021).

Se o trabalho é um “ato de produção e reprodução da vida humana” (ANTUNES, 2006, p. 126), a divisão do trabalho implica em um indivíduo “mutilado e transformado no aparelho automático de um trabalho parcial” (MARX; ENGELS, 2001, p. 33). O capitalismo desconfigura a funcionalidade do trabalho, que é a realização do homem (ANTUNES, 2006).

À medida que as indústrias se informatizaram “a máquina informacional passa a desempenhar atividades próprias da inteligência humana” (ANTUNES, 2006, p. 161), transformando o “trabalho vivo em trabalho morto” (Idem). Como consequência dessa relação homem/máquina, houve o processo de exploração do intelecto do trabalhador, agravando ainda mais a crise da subjetividade.

A lógica de mercado capitalista vendeu a ideia de que o conhecimento é o caminho para a conquista da liberdade. Quanto mais se investe em conhecimento maiores são as chances de um indivíduo ter sucesso. Segundo Boron (1999, p. 100)

apud Polonial (2021, p. 286) “a economia no final do século XX é conhecimento intensivo”. Tanto que observamos a ampliação do discurso de preparar o aluno para o mercado de trabalho nas escolas (POLONIAL, 2021).

Todas essas transformações no mercado de trabalho em fins do século XX, e começo do século XXI, intensificaram a exploração do trabalho docente. A informatização das salas de aula permitiu que o professor trabalhasse de qualquer local e a qualquer momento. De acordo com Polonial,

O professor agora trabalha em tempo integral e, quando afirmamos isso, incluímos os momentos de folga e lazer, quando o docente, com o seu computador, está sempre resolvendo alguma questão da sua atividade profissional (2021, p. 298).

Se já não fosse suficiente o volume de trabalho e as longas jornadas, a tecnologia transformou o professor em um trabalhador em tempo integral. E além disso, alterou a relação do docente com o produto de seu trabalho através da interação homem-máquina.

2 Impactos das complexidades do trabalho remoto na subjetividade dos docentes

A pandemia custou mais que a ausência de rotina das pessoas, ela custou a subjetividade dos indivíduos. Retornaram das atividades remotas cheios de expectativas e medos. Expectativa em retomar sua vida anterior e qualidade de ensino que era praticado antes da pandemia. Isso será possível? Além disso, tem-se o medo dos problemas que serão enfrentados em uma nova realidade de sala de sala, com novos alunos gestados na pandemia, tudo isso somados a excessiva cobrança do poder constituído por resultados inalcançáveis no produto escolar, como a aprovação dos alunos.

Diante dessa realidade, os profissionais se sentem sem voz. Retomaram o trabalho presencial com cobranças que custam seu tempo livre. Nesse contexto, a educação mercantil rouba dos professores e professoras a sua subjetividade, o seu ser pessoal, seus sonhos e anseios.

Esse cansaço exacerbado presenciado por muito tempo durante o período pandêmico, deve-se a dois fatores em especial: i) as atividades mediadas pelo

digital consomem maior subjetividade dos indivíduos (ANTUNES, 2006) e ii) somos uma sociedade de produção e desempenho (HAN, 2015).

A ideia de que seus colaboradores são uma grande família unida surge com o modo de acumulação flexível, mascarando a intensificação da exploração do trabalhador. Essa ótica de colaboracionismo entre os trabalhadores busca engajar a equipe, e acaba por impor a existência de trabalhadores polivalentes e multifuncionais (ANTUNES, 2006).

A pandemia precarizou ainda mais o trabalho docente ao impor o uso de tecnologias e o investimento em cursos de capacitação profissionais frequentemente. Essa nova realidade, tanto de intensificação, quanto de precarização do trabalho do docente geram uma crise na individualidade dos indivíduos, refletindo-se com uma cobrança de si mesmo por produtividade e ao mesmo tempo pelo sentimento de impotência.

3 A sociedade do cansaço

O cansaço é um sentimento presente na sociedade pós-moderna. A pandemia trouxe mais incertezas e inseguranças para os indivíduos. Para inferir o impacto da mudança das relações de trabalho na subjetividade dos indivíduos foram analisadas quatro pesquisas neste trabalho, dentre elas: (a) Condições de trabalho no IFSP em tempos de covid-19; (b) Pesquisa Adusp sobre as condições de trabalho durante a pandemia; (c) Relatório do GT Adunicamp sobre as condições de trabalho remoto docente no contexto da pandemia de covid-19; e (d) Pesquisa SINTE sobre a saúde do profissional da educação em tempo de pandemia e trabalho remoto.

Antes de adentrar nas peculiaridades de cada pesquisa, é preciso compreender como as relações de trabalho na sociedade pós-moderna influenciam a subjetividade dos indivíduos. Esse sentimento de cansaço presente na atual sociedade, não é algo apenas físico, ele também é mental. E de onde vem esse cansaço? Em termos comparativos, pode-se dizer que a pós-modernidade permitiu aos indivíduos possibilidades infinitas, ou seja, qualquer um pode ser o que quiser, quando quiser, se ele quiser. Entretanto, essa é uma sociedade em que vemos pessoas esgotadas e fartas de si próprias.

Han (2015), traz uma análise sobre a sociedade pós-moderna. O autor defende que a sociedade do século XXI é uma sociedade de desempenho que possui sujeitos de desempenho e produção. Ele acredita ainda que a sociedade que temos hoje é uma sociedade positivista com resquícios da sociedade disciplinar de Foucault.

A sociedade positivista é aquela em que “o poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho” (HAN, 2015, p. 14). Esse positivismo gera excesso de cobrança dos indivíduos por si próprios. Podendo levar ao adoecimento pois nunca há descanso. Nessa perspectiva, uma pessoa tem que dar conta de tudo, ou seja, ser um indivíduo polivalente.

Na sociedade disciplinar de Foucault existe o autoritarismo. Essa sociedade é caracterizada pelo negativismo, ou seja, pelo não. Han (2015) afirma que a sociedade positiva tem resquícios do autoritarismo, e esse excesso de liberdade somado a disciplina gera indivíduos extremamente produtivos, pois impera sobre ele o dever.

A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. O verbo modal negativo que a domina é o não-ter-o-direito. Também ao dever inere uma negatividade, a negatividade da coerção. A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a [...]. O depressivo não está cheio, no limite, mas está esgotado pelo esforço de ter de ser ele mesmo [...]. O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho [...]. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma [...]. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal (HAN, 2015, p. 14-17).

A sociedade da produtividade e do desempenho possui excesso de “estímulos, informações e impulsos” (p. 18) e para Han, esse produtivismo retira dos indivíduos a atenção, característica necessária para manter o que entendemos como uma sociedade civilizada. “E visto que ele tem uma tolerância bem pequena para o tédio, também não admite aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo” (HAN, 2015, p. 19).

Essa sociedade produtivista defende a existência de professores polivalentes. Esse professor multitarefa não possui um único ponto de atenção, pois deve estar atento a tudo ao seu redor. Sendo a docência uma atividade laboral que exige de o trabalhador realizar capacidade criativa, entrando em um paradoxo.

Vivemos em uma sociedade que não tolera o tédio, e exige do trabalhador produtividade em um processo criativo. Porém, o ato de pensar exige que exista a calma, e até mesmo o tédio, ou seja, a ideia do ócio produtivo.

Han (2015), nos traz Hannah Arendt. A autora enxerga que a sociedade do trabalho reduz o homem a um “animal trabalhador” (Idem, p. 22), ou seja, a um ser passivo e unicamente laboral. Entretanto, ele defende que o homem da sociedade de hoje, não se resume em um animal trabalhador pois é dotado de ego, sendo, nas palavras de Han (2015), hiperativo e neurótico.

“A sociedade laboral individualizou-se numa sociedade de desempenho e numa sociedade ativa. O animal laborans pós-moderno é provido do ego ao ponto de quase dilacerar-se. Ele pode ser tudo, menos ser passivo” (HAN, 2015, p. 23).

A sociedade de desempenho não garante a subsistência do homem. É tudo sempre incerto. Se retomarmos a sociedade moderna, durante o absolutismo, o papel de cada homem na sociedade era demarcado. Havia o senhor e o escravo ou servo. Cada um tinha seu papel na sociedade. Na sociedade positivista, o servo pode ser o seu próprio senhor, claro se ele for disciplinado para alcançar seu objetivo.

A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre. Elas geram novas coerções. dialética de senhor e escravo está, não em última instância, para aquela sociedade na qual cada um é livre e que seria capaz também de ter tempo livre para o lazer. Leva ao contrário a uma sociedade do trabalho, na qual o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho. Nessa sociedade coercitiva, cada um carrega consigo seu campo de trabalho (HAN, 2015, p. 25).

A pandemia intensificou a crise da sociedade de desempenho. As pesquisas a seguir analisam como a mudança de paradigma afetou a subjetividade dos docentes de acordo com idade, sexo e vínculo de emprego.

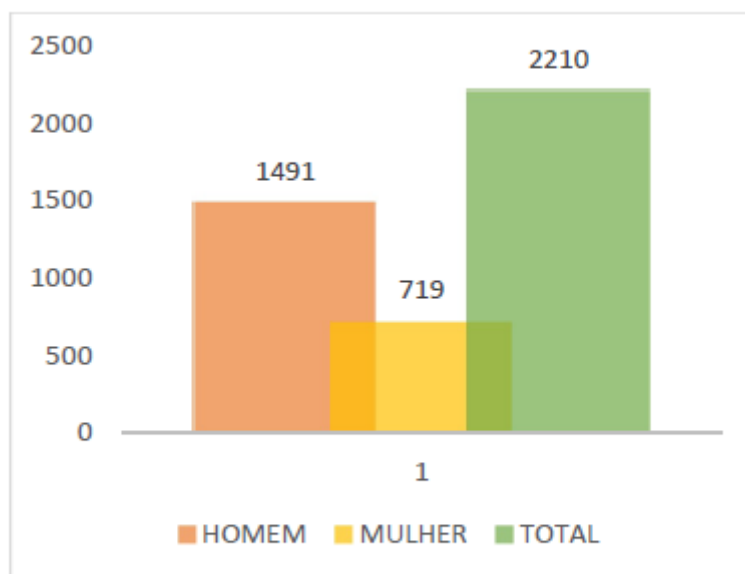
4 A análise de pesquisas sobre o adoecimento do professor na pandemia

4.1 Condições de trabalho no IFSP em tempos de Covid-19

A pesquisa realizada por Souza e Bordignon (2020) que investigaram as condições de trabalho dos professores e técnicos administrativos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) no contexto da pandemia, analisou também os reflexos da pandemia de covid-19 nas condições, na organização e divisão sexual do trabalho. Apontou-se que o trabalho remoto afetou mais a subjetividade das professoras.

A pesquisa foi respondida em sua maioria por mulheres, embora a maioria de trabalhadores do IFSP sejam homens. O gráfico 01 a seguir apresenta a última atualização do IFSP que ocorreu em 2018 em relação ao sexo dos docentes.

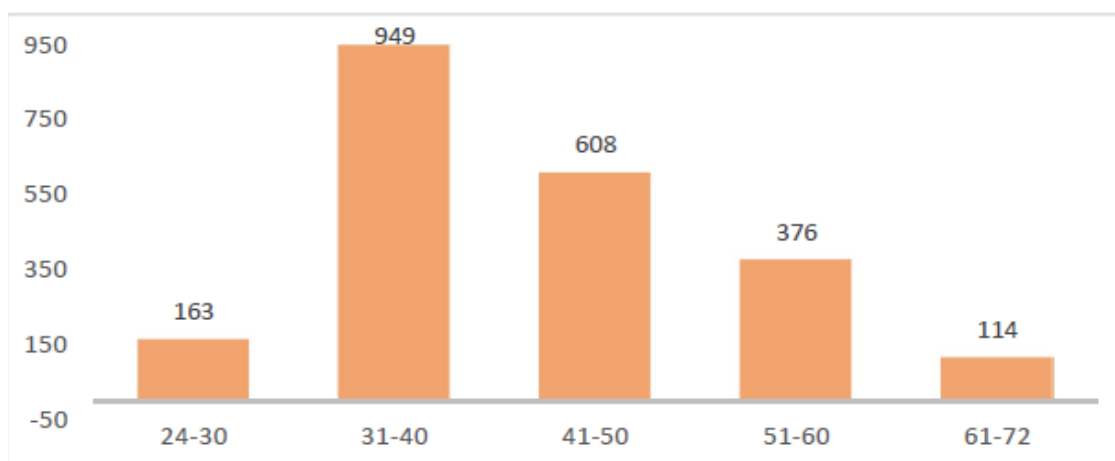
Gráfico 01: Docentes IFSP por sexo



Fonte: Condições de trabalho no IFSP em tempos de covid-19 (2020)

A pesquisa apontou que o corpo docente da instituição é formado por pessoas fora do grupo de risco. O Gráfico 02 a seguir apresenta essa distribuição:

Gráfico 02: Docentes IFSP por faixa etária



Fonte: Condições de trabalho no IFSP em tempos de covid-19 (2020)

A participação na pesquisa em sua maioria por mulheres mostra o desejo que as mulheres possuem em serem ouvidas, isso pois, como a pesquisa apontou, a fronteira que existia entre trabalho e atividades domésticas deixou de existir (SOUZA; BORDGNON, 2020).

Os participantes da pesquisa apontaram como dificuldades ao progresso do ensino remoto no início do isolamento sobre os instrumentos e condições de trabalho: acesso à internet, equipamentos e espaço de trabalho. Como resultado: i) mais da metade dos respondentes consideram parcialmente adequada às condições de trabalho; ii) a maioria dos professores apontou que a maior dificuldade enfrentada foi com o acesso à internet; e iii) a maioria das professoras apontam como maior dificuldade a dinâmica doméstica.

O Ensino Remoto Emergencial (ERE) transpôs um modelo de ensino presencial para um modelo de ensino remoto mediado pelas tecnologias digitais. O lar para muitos é compreendido como um local de descanso e lazer, entretanto, como no trabalho remoto não existe mais uma delimitação entre o local de trabalho e o espaço doméstico, este último já não é mais compreendido como um espaço para descanso e lazer. Esse embaralhamento de fronteiras apresenta consequências psíquicas para os docentes. As autoras ainda apontam que os professores têm preocupações diferentes das professoras sobre o trabalho remoto.

A dinâmica doméstica é compreendida pelas mulheres como o compartilhamento de espaços e equipamentos com familiares e responsabilidade com filhos. Os homens a compreendem como espaço barulhento, de atenção aos filhos e convívio familiar. Para os

homens o foco das dificuldades para levar a bom termo o trabalho remoto são os instrumentos de trabalho e para as mulheres é a dinâmica doméstica (SOUZA; BORDIGNON, 2020, p. 24).

De acordo com Souza e Bordignon (2020) a atividade de cuidar da casa e dos filhos foi delegada às mulheres desde a organização dos homens em sociedade. No contexto da pandemia, essa divisão de trabalho agravou-se. Com os filhos e marido dentro de casa, deixou de existir a separação entre tempo para trabalhar e tempo para cuidar da casa e dos filhos. Uma das professoras entrevistadas apontou que não existe mais a definição do que é tempo para trabalhar e o que é tempo para realizar as atividades domésticas, “é praticamente o dia todo fazendo de tudo um pouco, sem parada” (Idem, p. 44).

Os professores e professoras durante o período pandêmico continuaram com atividades de “ensino, pesquisa, extensão, administrativas, representação, formação continuada” (SOUZA; BORDIGNON, 2020, p. 30), ou seja, continuaram a desempenhar todas as suas atividades, só que agora, de forma remota. Essa transposição do trabalho presencial para o remoto intensificam o “cansaço físico e mental” (Idem, p. 31), o que Antunes (2006) aponta como reflexo da incapacidade da tecnologia de substituir o trabalho humano.

Os docentes sinalizaram, ainda, que o ensino remoto foi necessário, mas não é adequado como forma de trabalho e, portanto, não deve ser mantido. Algumas questões apontam para a precarização do trabalho docente, como a inadequação ou falta de equipamentos e ferramentas para desenvolver-se um bom trabalho; o estranhamento com o uso de novas tecnologias que consomem maior subjetividade dos trabalhadores. Ainda, para os respondentes, a interação professor – aluno foi alterada, o que implica em mudança do que se compreende por trabalho docente.

A docência é compreendida como trabalho intelectual e localizado no campo da produção não material; portanto, o produto do trabalho docente não é separável do ato de produzir docência. A atividade de ensino, que pode ser denominada aula, só existe com a presença do professor ou professora e do estudante. (SOUZA; BORDIGNON, 2020, p. 33).

No que se refere a pressão ou coação por produtividade, os respondentes da pesquisa apontaram que o IFSP não interferiu. Buscando compreender a nova dinâmica organizacional, as pesquisadoras foram mais a fundo questionando os

participantes a respeito de possíveis cenários em que poderiam sentir-se pressionados ou controlados. Várias questões apontam para o esgotamento docente: autocobrança por produtividade; comparação das atividades feitas por colegas; burocratização da atividade docente; invalidez do trabalho desenvolvido dentro de casa.

As autoras inferem que esse esgotamento é maior ainda entre as professoras, pois “observa-se que apenas as professoras experimentam o não reconhecimento do trabalho doméstico como uma atividade com o mesmo peso do trabalho profissional” (SOUZA; BORDIGNON, 2020, p. 41). As professoras, nos depoimentos da pesquisa, informam que para o trabalho remoto precisaram aprender a conciliar as atividades domésticas e laborais.

A pandemia do covid-19 trouxe “sentimentos de deriva, de vulnerabilidade, de incertezas gerando, segundo os professores e professoras, angústias, estresse, ansiedade, insegurança, cansaço físico e mental (SOUZA; BORDIGNON, 2020, p. 51-52). Tanto os homens, quanto as mulheres tiveram alterações em sua subjetividade durante o período pandêmico.

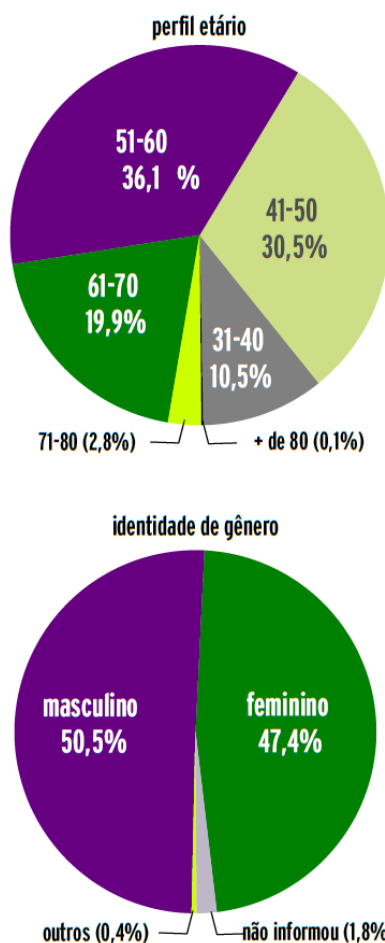
A sociedade de produção e desempenho altera a relação de todos com o seu eu e ainda a informatização do trabalho explora com maior intensidade a dimensão intelectual do trabalhador (ANTUNES, 2006). Como reflexo, dessa informatização do saber tanto professores quanto professoras “se auto atribuem processos de cobrança imposta pela “cultura da produtividade e do trabalho”. (SOUZA; BORDIGNON, 2020, p. 39).

Pesquisa ADUSP sobre as condições de trabalho durante a pandemia

A pesquisa buscou caracterizar o corpo docente da Universidade de São Paulo (USP), durante o período pandêmico em 2020, utilizando-se da amostragem pesquisada. Dentre os itens analisados temos: faixa etária, identidade de gênero, perfil étnico, estágio probatório, gestão de tempo dos docentes, liderança e gestão da instituição na tomada de decisões.

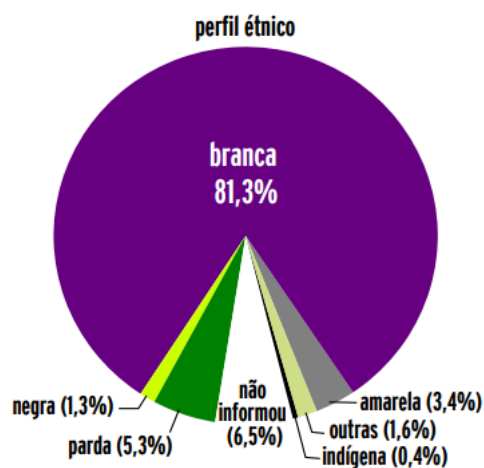
Constatou-se uma maioria predominante de docentes homens e brancos com mais de 40 anos. Como mostra o gráfico 03 sobre o perfil etário e a identidade de gênero e 04 a seguir sobre perfil étnico.

Gráfico 03: Perfil etário e a identidade de gênero do corpo docente da ADUSP



Fonte: Pesquisa ADUSP sobre as condições de trabalho sobre a pandemia (2020)

Gráfico 04: Perfil étnico do corpo docente da ADUSP



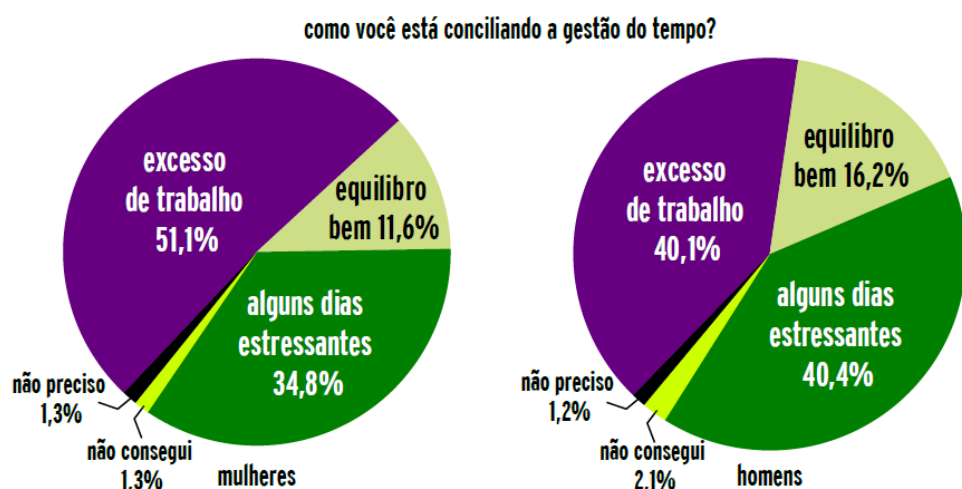
Fonte: Pesquisa ADUSP sobre as condições de trabalho sobre a pandemia (2020)

A maioria dos participantes da pesquisa apontam que o ensino remoto é “o único meio de garantir a saúde e a continuidade do trabalho durante a pandemia” (ADUSP, 2020, p. 9), entretanto, concordam que existem problemas. Entre aqueles que defendem a retomada das aulas presenciais somam-se os seguintes motivos: i) exclusão dos estudantes que não possuem acesso à internet ou equipamentos adequados para o ensino remoto; ii) o ensino remoto intensifica a exploração e a precarização do trabalho docente.

De acordo com a pesquisa, as docentes mulheres entrevistadas apontaram estar mais sobrecarregadas, uma vez que com a interrupção do trabalho presencial, coube em grande parte a elas os deveres de cuidado da família, manutenção do lar, além das atividades laborais remotas. Como reflexo desse papel feminino de cuidar, mais mulheres estavam acometidas pela covid-19 quando a pesquisa foi feita.

A falta de segregação de espaços e horários, afetou sobremaneira o sexo feminino. Em tempos normais, a conhecida dupla jornada, possuía fatores que auxiliavam a sua árdua execução, como o não compartilhamento do ambiente laboral e ambiente domiciliar. Quando refletido em mulheres que ocupam o espaço da docência, afetou o desempenho das atividades letivas e de pesquisa, e quando estas não eram afetadas, tinham como consequência um enorme desgaste físico e mental das docentes. O gráfico 05 a seguir ilustra como homens e mulheres equilibram suas rotinas durante a pandemia.

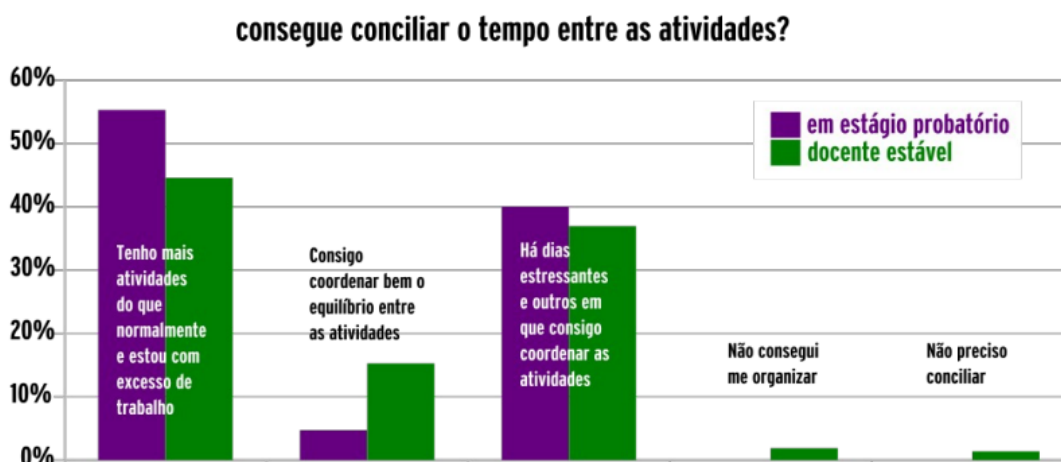
Gráfico 05: Gestão do tempo dos docentes da ADUSP



Fonte: Pesquisa ADUSP sobre as condições de trabalho sobre a pandemia (2020)

A pesquisa também apontou outro fator relevante, mas secundário quando comparado à questão de gênero, foi a aparente displicência observada em relação àqueles que já se encontravam em estabilidade com relação a seus cargos públicos. O gráfico 06 a seguir apresenta a divisão do trabalho para os docentes em estágio probatório e para os estáveis.

Gráfico 06: Divisão do trabalho para os docentes em estágio probatório e para os estáveis.



Fonte: Pesquisa ADUSP sobre as condições de trabalho sobre a pandemia (2020)

O servidor docente em estágio probatório, uma vez que é constantemente avaliado, e que pode ter como punição sua exoneração (caso não seja aprovado no estágio probatório), mostrou verdadeiro engajamento forçado, e se desdobrou para o cumprimento do calendário. Já aqueles que se encontram estáveis, em seus cargos de docente, apresentaram um percentual maior de displicência quanto ao não cumprimento dos calendários.

Ademais, observou-se que a maior dificuldade para os docentes que se encontram no grupo de risco foi assimilar o uso da tecnologia com o ato de ensinar. Entre aqueles que se encontram em uma faixa etária fora do grupo de risco, com filhos pequenos e que dividem o ambiente com outras pessoas, a maior dificuldade foi com o espaço de trabalho.

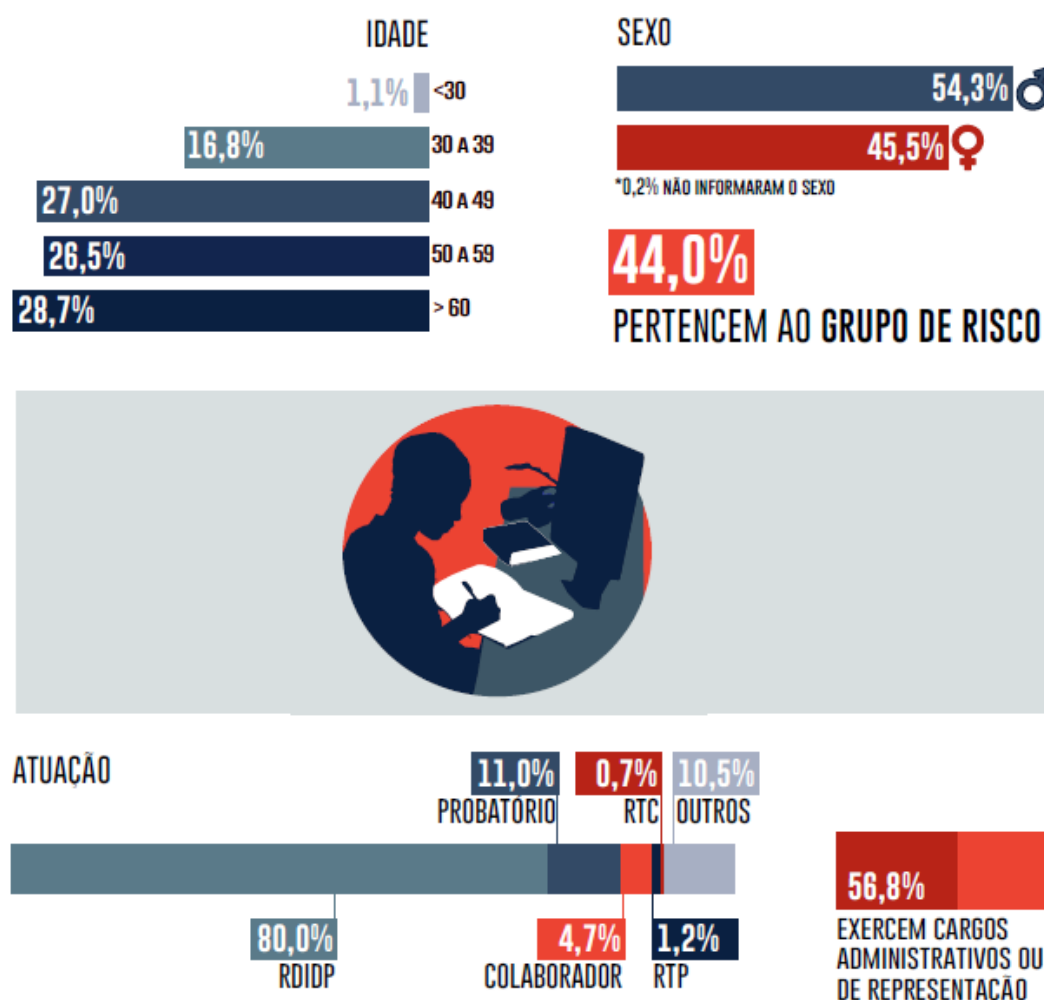
A ADUSP (2020) em sua coleta de dados, com foco nos docentes, trouxe também informações antes desconsideradas pela gestão da USP, conseguindo observar fatores qualitativos sobre a abordagem da reitoria. Os docentes

sentiram-se desamparados pela gestão USP. Em seus relatos, apontaram sentir-se desmotivados e desrespeitados e ainda frustrados e desamparados pela instituição.

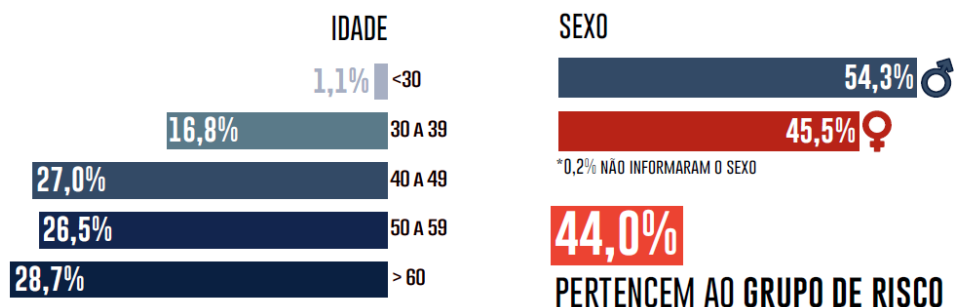
4.3 Relatório do GT ADUNICAMP sobre as condições de trabalho remoto docente no contexto da pandemia de covid-19

A pesquisa ADUNICAMP se ateve ao ponto de vista técnico da viabilidade do ensino a distância e remoto. Na primeira análise (tópico 1 da pesquisa) foi feita uma definição de perfil tão somente para se identificar o público pesquisado, não sendo destaque, ou foco, de tal pesquisa, a qualidade de vida do docente em trabalho remoto. A figura a seguir ilustra o perfil dos docentes da instituição.

Figura 01: Perfil das/os docentes que responderam o questionário



PERFIL DAS/OS DOCENTES QUE RESPONDERAM



Fonte: relatório do GT ADUNICAMP sobre as condições de trabalho remoto docente no contexto da pandemia de covid-19

Do ponto de vista técnico, o relatório analisou as decisões da Universidade sobre o trabalho remoto; condições gerais de trabalho remoto na Universidade; cotidiano do ensino remoto na Universidade; impactos institucionais do uso mais sistemático e constante de novas tecnologias de informação e comunicação no trabalho docente na Universidade; dificuldades e aprendizados no contexto de ensino remoto na Universidade; expectativas em relação à continuidade do semestre/ano letivo em contexto de pandemia e de suspensão do isolamento social.

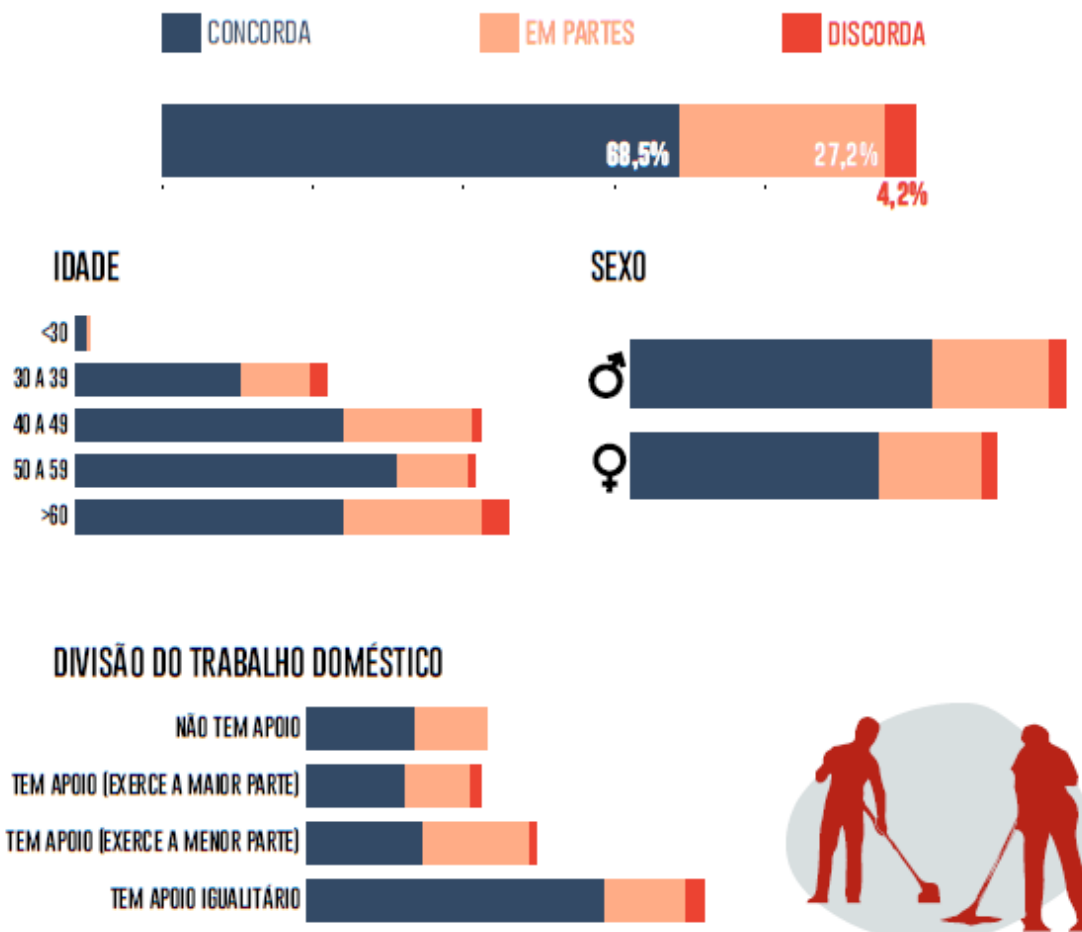
Nesse sentido, a abordagem se deu mais na adaptabilidade do docente ao trabalho remoto, se considera como algo perene, e sua eficácia institucional e de aprendizado do discente. Nas condições de trabalho remoto, foi dada pouca importância para o que acontecia no ambiente em que o docente dará suas aulas, ou que tornará como ambiente de trabalho, dando-se mais importância ao aparato técnico e condições físicas e de treinamento para poder lecionar em tal modalidade.

O relatório apontou, como mostra a Figura 02 que a aceitação do trabalho remoto como uma opção para o momento pandêmico que se enfrentou em 2020 foi maior entre os docentes homens, docentes com mais de 50 anos e, entre aqueles que tem apoio igualitário na realização de atividades domésticas. Pode-se inferir a respeito dessas informações que: os homens realizam menor parte da atividade doméstica; a rotina de um docente com mais de 50 anos é mais tranquila; a divisão da atividade doméstica interfere no ritmo de trabalho docente.

Figura 02: Relações entre concordância com trabalho remoto e perfil

RELAÇÃO ENTRE CONCORDÂNCIA COM TRABALHO REMOTO E PERFIL

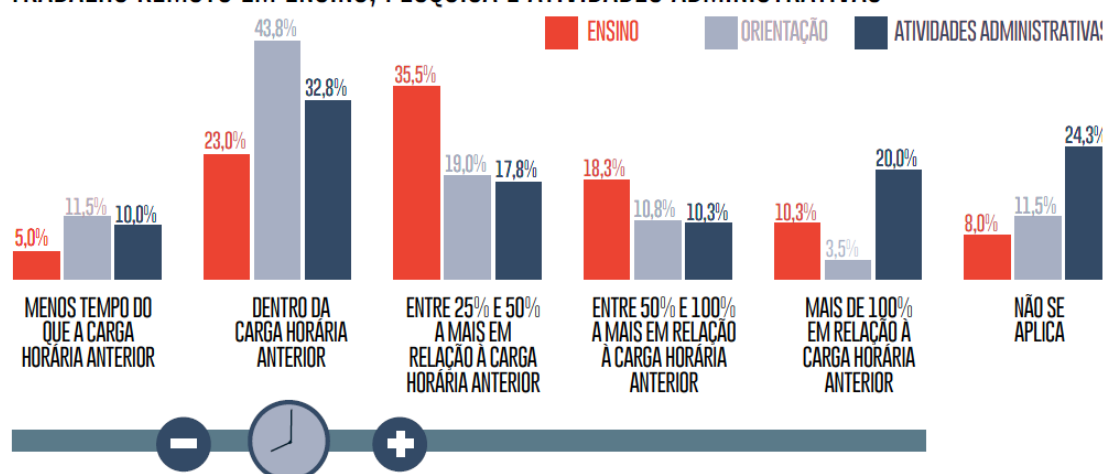
PERGUNTA: "VOCÊ CONCORDA COM A DECISÃO DA UNIVERSIDADE DE MIGRAÇÃO DO TRABALHO PRESENCIAL PARA O REMOTO NESTE MOMENTO DE PANDEMIA?"



Fonte: relatório do GT ADUNICAMP sobre as condições de trabalho remoto docente no contexto da pandemia de covid-19

Por outro lado, se em relação aos aparatos técnicos fornecidos pela instituição os docentes consideraram que tiveram acesso à internet de qualidade e equipamentos adequados, relataram em relação a quantidade de trabalho que houve o aumento de horas trabalhadas.

Figura 03: Quantidades de horas gastas em ensino, pesquisa e atividades administrativas
TRABALHO REMOTO EM ENSINO, PESQUISA E ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS



Dados de consulta realizada pela ADUnicamp, entre 22 de maio e 5 de junho de 2020. Amostra: 400 docentes da Unicamp.

Fonte: Relatório do GT ADUNICAMP sobre as condições de trabalho remoto docente no contexto da pandemia de covid-19

A pesquisa fez apontamentos sobre o posicionamento da comunidade acadêmica sobre o uso de tecnologias da informação. Observou-se que apesar do ensino mediado pelo digital sobrecarregar o docente e pecar pela falta de interação interpessoal e dinâmica para o ensino, este modelo de ensino terá uma evolução gradativa, tendendo-se mais para as formas híbridas de ensino.

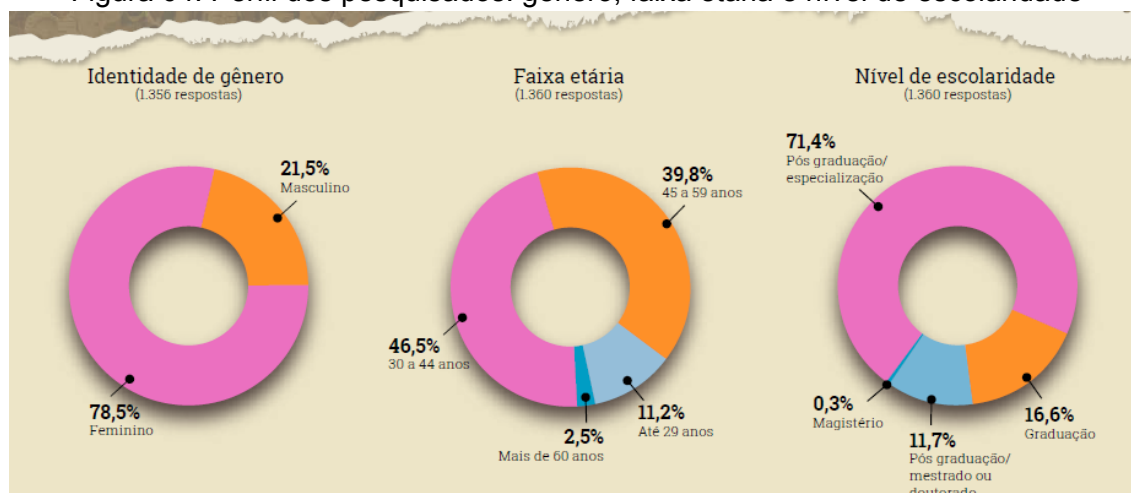
4.4 Pesquisa SINTE sobre a saúde do profissional da educação em tempo de pandemia e trabalho remoto

A pesquisa foi dirigida aos profissionais da educação catarinense e analisou os participantes quanto ao perfil: gênero, idade e escolaridade; tempo de trabalho, tipo de vínculo e carga horária e nível de ensino que atua e campo de atuação (disciplina) dos pesquisados. Também se analisou às condições de trabalho no contexto da pandemia da Covid-19, tanto dos professores quanto dos estudantes; a opinião dos profissionais da educação sobre o atual sistema de educação e questões relacionadas à saúde dos trabalhadores (as) da educação, especialmente relacionadas ao exercício da profissão.

A amostragem coletada expõe que a maior parte dos profissionais catarinenses é composta por mulheres, entre 30 e 59 anos e que possuem

pós-graduação ou especialização. Os dados podem ser conferidos na Figura 04, a seguir.

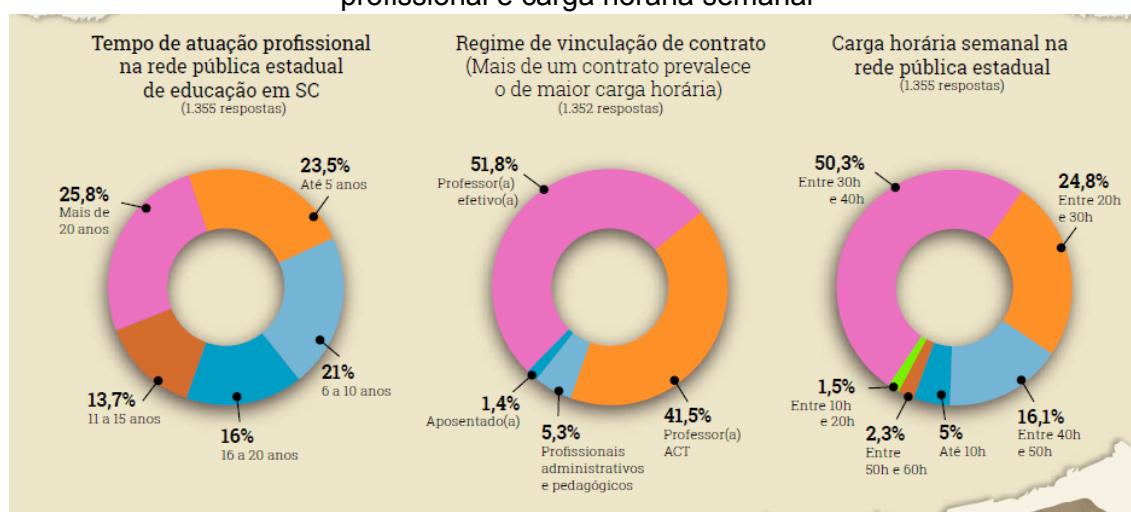
Figura 04: Perfil dos pesquisados: gênero, faixa etária e nível de escolaridade



Fonte: Pesquisa SINTE sobre a saúde do profissional da educação em tempo de pandemia e trabalho remoto

A pesquisa revelou também outros aspectos importantes como o fato de a maioria dos entrevistados exercerem a mais de 10 anos a profissão, possuírem vínculo efetivo de trabalho e lotados com um uma carga horária semanal superior a 40 horas. A figura 05 expressa em números esse quantitativo.

Figura 05: Perfil dos pesquisados: tempo de atuação profissional, regime de vínculo profissional e carga horária semanal



Fonte: Pesquisa SINTE sobre a saúde do profissional da educação em tempo de pandemia e trabalho remoto

No relativo às condições de trabalho no contexto da pandemia da covid-19, a pesquisa apontou que a maioria dos entrevistados possui facilidade para exercer o trabalho de forma remota, dispõe parcialmente de recursos para as aulas e que não possuem local adequado para o trabalho virtual. A amostragem indicou ainda que a maioria possui acesso à internet, teve que fazer investimentos para a continuidade do trabalho e que o tempo de dedicação ao trabalho aumentou.

Em relação a saúde dos profissionais da educação, buscou-se identificar o estado emocional, sendo identificado em sua maioria emoções como: pressão psicológica por produtividade, ansiedade e insegurança psicológica, esgotamento mental (Síndrome de Burnout), medo de errar, solidão, culpa de estar trabalhando em casa.

A pesquisa também apontou que houve um grande número de trabalhadores que se afastaram por motivos de saúde, por no máximo 15 dias. Entretanto, apontou que a maioria continuou trabalhando até o seu limite. Dentre as causas que influenciaram o professor a trabalhar mesmo doente, elencou-se os seguintes motivos: para não atrasar o conteúdo, medo de ter cortes ou diminuição salarial, medo de perder o emprego, para não sofrer constrangimento ou por não ter substituto.

Dentre as morbidades apontadas pelos docentes como adquiridas durante o trabalho remoto temos a saúde mental, dores osteomusculares, doenças no sistema digestivo, doenças do aparelho circulatório, problemas fonoaudiológicos entre outros. Os docentes também apontaram como fatores que podem vir a causar problemas de saúde: cansaço ou desgaste, indisciplina dos estudantes, ansiedade, falta de equipamento, tensões com os pais, decepção ou remorso.

Considerações finais

A pandemia criou um modo novo de trabalhar, confrontando os professores com exigências cada vez maiores no trabalho por meio do trabalho remoto. Ela acelerou o uso de tecnologias, colocou em relevância a noção de temporalidade, do tempo indiferenciado e expandido no trabalho transferido para o ambiente doméstico.

A docência é uma atividade intelectual, e, portanto, interfere na subjetividade do indivíduo. O trabalho docente mediado pelo digital explora ainda mais o trabalhador, pois a interação homem-máquina também exige atividade intelectual. Como resultado, tem-se um cansaço proveniente do esgotamento da sociedade de produção e desempenho e para Han (2015), “ele nos incapacita de fazer qualquer coisa” (p. 40).

A informatização dos ambientes escolares enfrenta estratégias organizacionais de controle cada vez mais intenso sobre o trabalho, o que acaba por gerar sentimentos de medo, invalidez, esgotamento físico e mental. Além disso, as escolas cada vez mais buscam ambientes e atividades colaborativas com o intuito de “discutir trabalho e desempenho, com vistas a melhorar a produtividade da empresa” (ANTUNES, 2006, p. 182). No ambiente escolar, a “produtividade de uma empresa” pode ser entendida como um bom desempenho dos estudantes e é uma forma de “apropriação do saber fazer intelectual do trabalho pelo capital” (Idem).

A intensificação do trabalho docente para as mulheres ganha na sociedade do desempenho e do cansaço um lugar de destaque. Não que já não houvesse, pois como discutido e apontado anteriormente pelas pesquisas analisadas, o trabalho de cuidar da casa e dos filhos em sua maioria foi delegada às mulheres. Durante a pandemia, com atividade laboral e atividades domésticas ocupando o mesmo ambiente, a separação entre tempo para trabalhar e tempo para cuidar da casa e dos filhos, deixou de existir.

A análise das pesquisas nos mostra que o adoecimento docente na pandemia foi causado em sua maioria pelo excesso de trabalho e pela perda de espaço e temporalidade entre trabalho e lazer. Mostrou ainda que o público mais afetado pelo modelo de trabalho remoto foi o feminino com idades entre 30 e 60 anos.

O uso da tecnologia pode ser apontado aqui não como um fator que causou o esgotamento pela interação, mas pela necessidade de aprender o novo em pouco tempo e ainda ser produtivo. Essa alteração de modo de trabalhar enfrentado pela pandemia, pode ser apontado como variantes no modelo de produção fordista e *toyotista* e como um fator que intensificou a exploração do trabalho. Na sociedade pós-moderna, a interação mediada pelo digital faz parte da dinâmica de desempenho e produção, sendo este um dos maiores fatores do agravamento do adoecimento docente.

A pandemia intensificou a crise da sociedade de desempenho. A alteração de um modelo de trabalho, do presencial para o remoto, influenciou negativamente a subjetividade dos indivíduos, em especial a dos professores. A docência não se limita ao ato de ensinar, dentro dessa esfera existe o que ensinar, como ensinar, para quem ensinar, ou seja, é para além de um trabalho físico, um trabalho mental.

Precisamos considerar que o que mais adoeceu os docentes no período pandêmico foi a inseparabilidade do local de descanso com o local de trabalho. A sociedade pós-moderna, considerada a sociedade da hiperatividade como aponta Han (2015) não sofre tanto com o uso da tecnologia como mediador do trabalho. É claro que devemos considerar que aprender algo novo em um tempo mínimo, somado a um ambiente desfavorável é extremamente estressante e adoecedor. Os docentes mais velhos foram os que apontaram maior dificuldade no uso das tecnologias durante o ensino remoto. O homem na relação com a máquina, já enfrentava seus problemas de subjetividade antes da pandemia, sendo esta agravada pela intensificação da exploração do trabalho.

Referências

- ADUNICAMP. Relatório sobre Condições de Trabalho Remoto Docente na Unicamp no Contexto da Pandemia de covid-19. Campinas: ADunicamp, 2020.
- ADUSP. RELATÓRIO DE PESQUISA SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA. São Paulo, ADUSP. Setembro de 2020.
- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global Editora, 1986.
- HAN, Byung Chul. Sociedade do cansaço. Edição digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HARVEY, David. A transformação político-econômica do capitalismo no final do século XX. In: Condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. Edições Loyola. São Paulo, 1992. p. 115-184.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Textos sobre Educação e Ensino. Campinas, SP: Navegando, 2011.
- POLONIAL, Juscelino. A saúde do professor no contexto das transformações recentes no mundo de trabalho. In: SILVA, Marcos Nicolau dos Santos; BEZERRA, Leonardo Mendes (orgs.). EDUCAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA: Paradigmas educativos, avaliativos, curriculares e formativos. EDUFMA, 2021. p. 283-305.

SINTE. Pesquisa saúde docente: A saúde do profissional da educação em tempo de pandemia e trabalho remoto. SINTE, Santa Catarina. Junho de 2020.

SOUZA, A. N.; BORDIGNON, B. Relatório de pesquisa: Condições de trabalho do IFSP em tempos de covid-19. 2020.